



FLORA

DA SERRA D'ARGA —————
————— À FOZ DO ÂNCORA

ELABORADO POR



FLORADATA - Biodiversidade,
Ambiente e Recursos Naturais, Lda

Avenida de Fernão de Magalhães, 607 4.º Esq.
4350-164 Porto
T. 222 080 104
geral@floradata.pt
www.floradata.pt

PROJETO INTERMUNICIPAL

Miguel Alves
Presidente da C. M. de Caminha

José Maria Costa
Presidente da C. M. de Viana do Castelo

Victor Mendes
Presidente da C. M. de Ponte de Lima

Coordenação geral e supervisão
Guilherme Lagido Domingos
Vice-Presidente da C. M. de Caminha

EQUIPA TÉCNICA

FLORADATA - Biodiversidade,
Ambiente e Recursos Naturais, Lda

Coordenação
Duarte Filipe Silva

Textos
Duarte Filipe Silva
Paulo Alves

Sistemas de informação geográfica
Joana Diz de Sá

Conceção gráfica
Miew Creative Studio

Depósito legal
452575/19

ISBN
978-989-54357-8-4

Janeiro de 2019



Introdução

O Sítio de Importância Comunitária “Serra de Arga” é uma área com importância conservacionista que abrange os concelhos de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima.

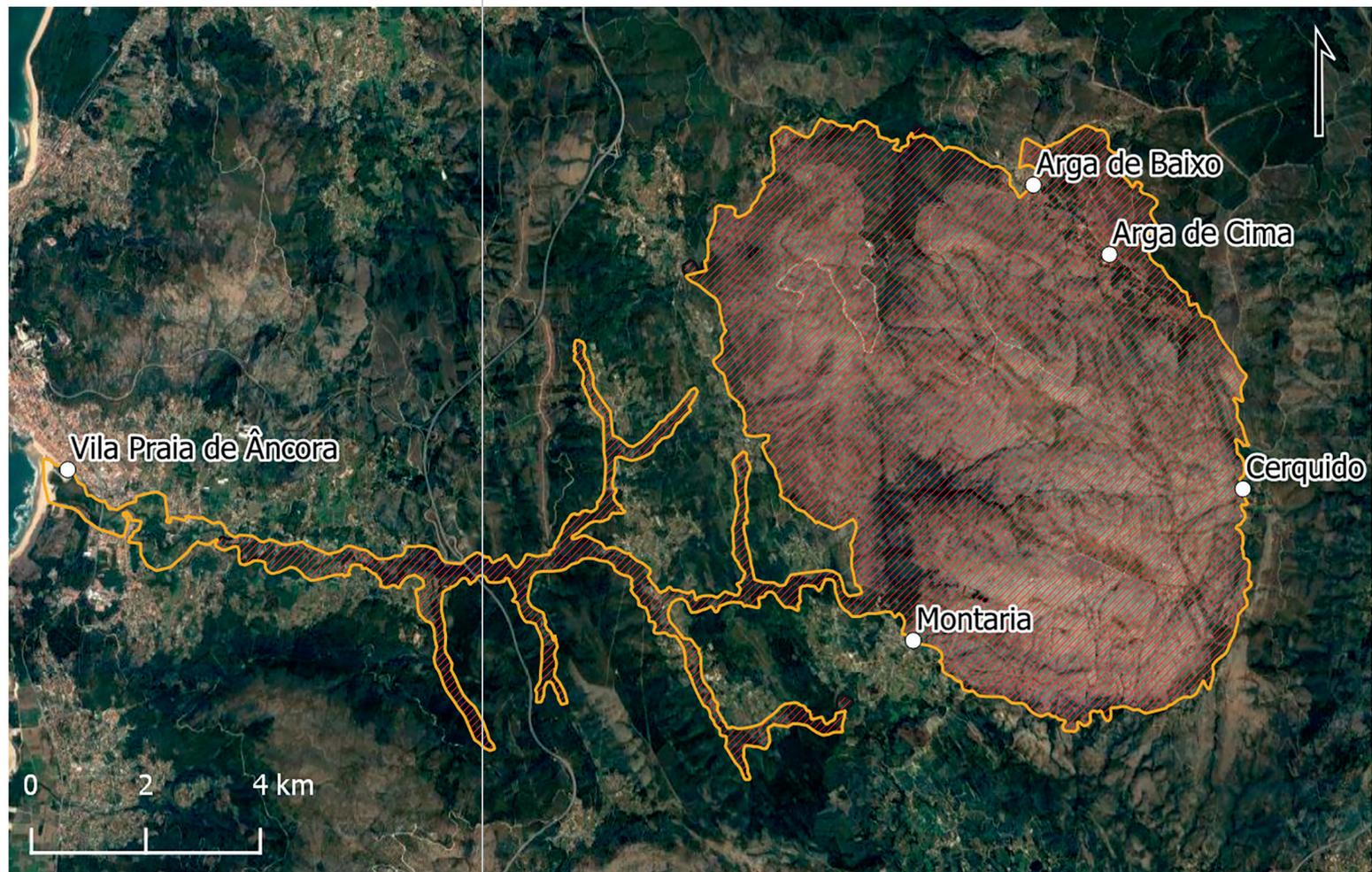
Esta pequena brochura faz parte de um conjunto alargado de formatos de divulgação do património desta região, que visam dar a conhecer alguns dos seus principais valores naturais, culturais e paisagísticos, procurando ao mesmo tempo sensibilizar para a importância da conservação dos valores naturais.

No caso da flora, o estudo da Serra d’Arga, incluindo todo o Rio Âncora até à sua foz, realizado em 2017, revelou que esta área possui uma extraordinária riqueza florística, com 546 espécies de plantas vasculares, a grande maioria autóctones.

Nesta brochura destaca-se essa grande diversidade, com destaque para a presença de espécies protegidas e espécies RELAPE (Raras, Endémicas, Localizadas e Ameaçadas ou em Perigo de Extinção). Procura-se ainda dar a conhecer alguns pontos de interesse onde se podem observar algumas dessas espécies emblemáticas e algumas espécies mais vulgares mas que pelo porte de alguns exemplares merecem uma visita.

Descrição da área

A área de estudo do presente atlas corresponde ao Sítio de Importância Comunitária (SIC) "Serra de Arga" (PTCON0039), classificado pela Decisão da Comissão de 7 de dezembro de 2004, com uma área de 4.493 hectares e abrangendo os concelhos de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima. Todavia, a área de estudo acabou por ser um pouco alargada, passando a incluir também o vale do Rio Âncora até ao mar. Esta inclusão surgiu do reconhecimento da importância que o Rio Âncora desempenha como corredor ecológico para a infraestrutura verde existente.



Limites da área de estudo e do SIC "Serra de Arga"

- Área de estudo
- SIC "Serra de Arga"

Localização e limites da área de estudo e da área do Sítio de Importância Comunitária "Serra de Arga"



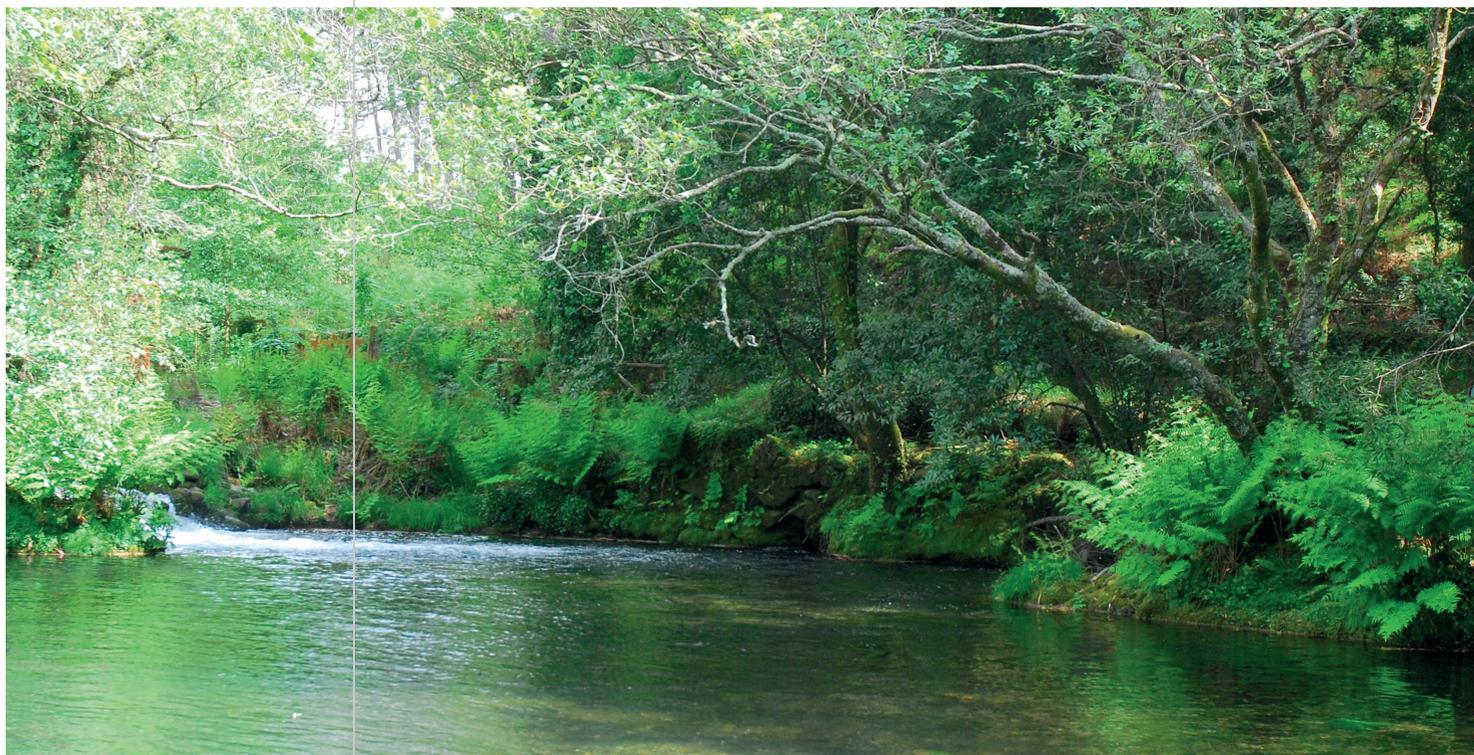
Do ponto de vista geológico, a Serra d'Arga corresponde a um proeminente maciço granítico montanhoso, relativamente aplanado no topo, rodeado de metassedimentos essencialmente xistentos de idade silúrica. Ao longo do percurso do Rio Âncora, desde o sopé da Serra d'Arga até à sua foz, aos metassedimentos silúricos sucede-se um conjunto diversificado de litologias que de uma forma simplificada vai desde outros tipos de xistos ao granito de Vila Praia de Âncora (granitos sintectónicos de duas micas) e depósitos fluviais e de praia.

Diferença de litologia patente no maciço granítico em segundo plano e no muro de xisto em primeiro plano

Ao nível biogeográfico, a área de estudo enquadra-se na Região Eurossiberiana, Subregião Atlântico-Centro-europeia, Província Atlântica Europeia, Subprovíncia Cantabro-Atlântica, Sector Galaico-Português, Subsector Galaico-Português Meridional e Distrito Durimínico. O Distrito Durimínico é um território predominantemente dominado por rochas ácidas (granitos e xistos), com uma orografia que vai aumentando progressivamente para o interior, destacando-se no litoral a Serra d'Arga com 825 metros de altitude. Em termos bioclimáticos é um território temperado hiper-oceânico ou oceânico, posicionado nos andares mesomediterrânico e termotemperado nas zonas litorais e vales do Minho e Lima e mesotemperado nas zonas mais altas. A vegetação climácica é constituída pelos carvalhais mesotemperados e termotemperados de carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) com gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), pouco abundantes no território e dos quais são etapas seriais os giestais de giesta-negral (*Cytisus striatus*) com tojo-arnal (*Ulex europaeus* subsp. *latebracteatus*) e as orlas arbustivas de sanguinho (*Frangula alnus*) com pereira-brava (*Pyrus cordata*). Nas etapas de matos ocorrem os tojais endémicos de tojo-arnal em granitos e de tojo-gatenho (*Ulex micranthus*) com queiró (*Erica umbellata*) em xistos. Nos solos mais húmidos podem ocorrer os urzais higrófilos com lameirinha (*Erica ciliaris*). Em mosaico com os urzais-tojais mesófilos é frequente o arrelvado anual dominado pelo arroz-dos-muros (*Sedum arenarium*). Os amieais são os bosques ripícolas mais comuns.

Zona planáltica da Serra d'Arga, com urzais-tojais mesófilos e urzais higrófilos e pontualmente com arrelvados (em cima)

Rio Âncora no troço médio com amieais com um sobcoberto dominado pelo feto-real (*Osmunda regalis*) (em baixo)



Património Florístico



Diversidade florística

A Serra d'Arga, incluindo o vale do Rio Âncora, constitui uma área de elevada diversidade florística com 546 espécies identificadas. Por exemplo, no Parque Nacional da Peneda-Gerês, com uma localização relativamente próxima e uma área total muito superior (cerca de 15 vezes superior) o número de espécies é pouco superior (cerca de 700 espécies).

A riqueza florística deste território varia bastante, sendo que no alto da serra é menor, por oposição ao troço final e médio do Rio Âncora, e principais afluentes, onde a biodiversidade é maior. Estas diferenças de biodiversidade surgem pelo facto de nas zonas de menor altitude do vale do Rio Âncora, tal como na zona nordeste (que engloba as povoações de Arga de Cima e Arga de Baixo) ocorrer uma grande diversidade de biótopos – com ambientes urbanos, campos agrícolas e/ou lameiros, bosques incluindo galerias ripícolas e por vezes até matos, que proporcionam uma grande variedade de habitats para espécies florísticas com diferentes características ecológicas. Por sua vez, a parte alta da Serra d'Arga só apresenta matos, afloramentos rochosos e algumas linhas de água de pequena dimensão, sendo até a geologia unicamente constituída por granito e por isso mais uniforme do que as zonas de menor altitude.

Contraste entre a zona baixa com muita vegetação e diversa e a zona alta da Serra d'Arga com pouca vegetação e mais homogénea

Na Serra d'Arga estão identificadas 476 espécies autóctones e 70 espécies exóticas naturalizadas ou subespontâneas (plantas que depois da introdução inicial aí se propagam sem a intervenção humana). A grande maioria (87%) das espécies florísticas presentes no local correspondem à flora autóctone.

Das espécies inventariadas contam-se 18 espécies de plantas vasculares sem sementes (*Lycopodiella inundata* e 17 fetos), 5 coníferas (4 espécies de pinheiro e 1 cipreste) e 523 espécies de plantas com flor (Angiospérmicas).



Lycopodiella inundata
(à esquerda)

Feto-dos-carvalhos (*Davallia canariensis*) (página seguinte)





Pinheiro-silvestre
(*Pinus sylvestris*)



Narciso-bravo
(*Narcissus triandrus*)

Destas, 32 são consideradas espécies RELAPE (Raras, Endémicas, Localizadas e Ameaçadas ou em Perigo de Extinção), sendo importante realçar a presença de algumas espécies protegidas.

- Chupadeira-do-Minho (*Scrophularia bourgaeana*), endemismo ibérico observado apenas uma única vez em Portugal, no vale do Ramiscal na Serra do Soajo, há 40 anos. Por esse motivo duvidava-se da sua presença no território português, mas a sua descoberta recentemente na Serra d'Arga veio confirmar a sua presença para Portugal. Apesar da população identificada ter mais de uma dezena de indivíduos, estes encontram-se localizados numa área pequena, o que torna esta planta uma das mais raras da flora portuguesa.

- *Carex durieui*, endemismo ibérico, que em Portugal está presente em apenas quatro locais, apresentando populações pequenas, pensa-se que a da Serra d'Arga, com três núcleos populacionais, seja a maior.

- Raiz-divina-de-cheiro (*Armeria humilis* subsp. *odorata*), endemismo ibérico de distribuição muito restrita, existindo somente na Serra d'Arga e em mais algumas montanhas de maior altitude no Minho e sul da Galiza.

- *Laserpitium prutenicum* subsp. *duforianum*, em Portugal encontra-se apenas presente na Serra d'Arga e nas suas imediações.

Raiz-divina-de-cheiro
(*Armeria humilis* subsp.
odorata)







Arranha-lobos (*Genista berberidea*)

- Arranha-lobos (*Genista berberidea*), endemismo do noroeste da Península Ibérica, em Portugal a sua localização está apenas confirmada para o litoral norte, sendo a população da Serra d'Arga a maior do país.

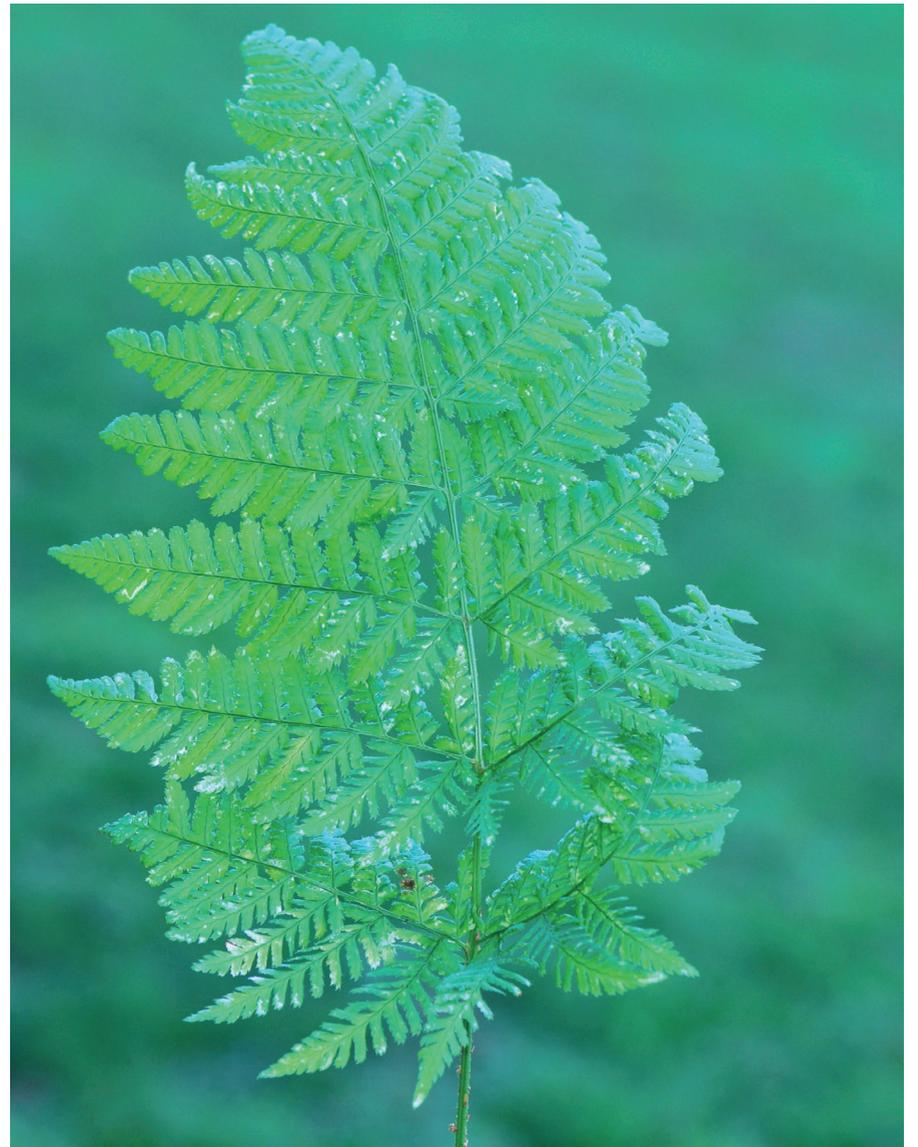
- *Succisa pinnatifida*, um quase endemismo português porque as populações de Espanha apenas estão situadas no sul da Galiza e mesmo em Portugal, ocorre sobretudo no quadrante norte;

- *Dryopteris guanchica*, feto presente na Macaronésia e no oeste da Península Ibérica. Em Portugal é apenas conhecido em 3 locais, nomeadamente em Valongo, Serra do Gerês e Serra d'Arga (no Rio Âncora entre Trás-Âncora e Espantar).

- *Dryopteris carthusiana*, feto de distribuição mais abrangente mas em Portugal é apenas conhecido em Valença e na Serra d'Arga (na ponte de Tourim em Amonde).

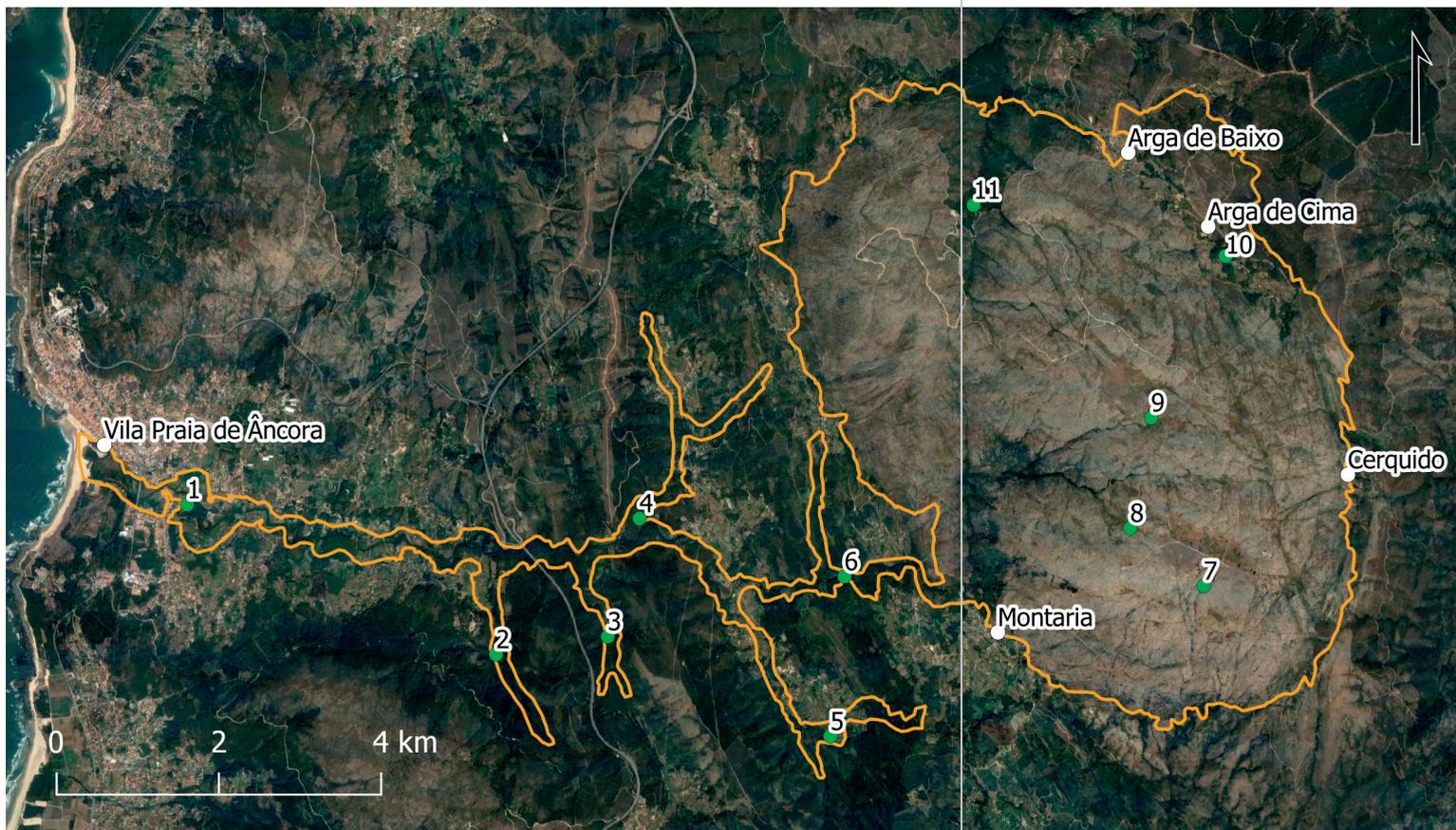
Dryopteris guanchica





Dryopteris carthusiana
(em cima)

Succisa pinnatifida
(à esquerda)



● Pontos de interesse

□ Área de estudo

Pontos de Interesse

A Serra d'Arga por esta diversidade florística e devido à presença de várias espécies RELAPE apresenta muitos locais de interesse do ponto de vista florístico. Além disso há alguns locais interessantes por possuírem exemplares de árvores ou arbustos com porte notável (de grande dimensão) ou com tipos de habitat raros ou com alguma particularidade. Assinalam-se, a título de exemplo, alguns destes locais.



Carvalho



Erva-pombinha (*Aquilegia vulgaris* subsp. *dichroa*)

Ponto 1

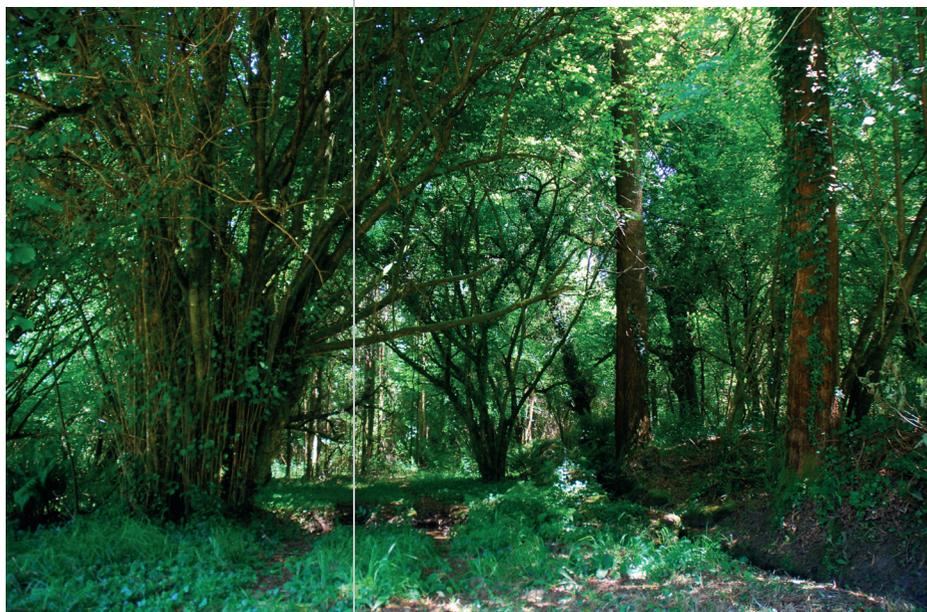
Carvalho com lameiros e amial ripícola

Perto do setor terminal do Rio Âncora pode-se observar uma pequena mancha de carvalho de carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) com gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) e *Luzula sylvatica*. Esta mancha encontra-se numa matriz de campos agrícolas e lameiros, numa área intensamente humanizada. Os bosques de carvalho são poucos comuns nas zonas de baixa altitude, especialmente em locais com grande aptidão agrícola. Principalmente interessantes são os lameiros presentes nas imediações do carvalho e as comunidades de ervas altas que aparecem na transição de bosque para os prados de que a bela erva-pombinha (*Aquilegia vulgaris* subsp. *dichroa*) faz parte.

Ponto 2

Aveleiral com aveleiras de grandes dimensões

Numa zona abaixo da Capela da Senhora da Cabeça é possível observar aveleiras de grande dimensão, com mais de 10 metros de altura. Estas formações de aveleiras enquadram-se no habitat 9160 – bosques mesotróficos de plano-caducifólias, subtipo pt2 – aveleirais, que era muito raro em Portugal mas que atualmente tem vindo a aumentar de área com o abandono agrícola.



Aveleiral com aveleiras de grandes dimensões (em cima)

Interior do aveleiral (à esquerda)

Ponto 3

Lameiros com betónica-bastarda (*Melittis melissophyllum*) e nas imediações com *Lepidophorum repandum* e *Laserpitium prutenicum*

Na bordadura de um lameiro entre a EN 302 e a A28 pode-se observar na primavera a betónica-bastarda (*Melittis melissophyllum*) e um núcleo de grande beleza de selo-de-salomão (*Polygonatum odoratum*). A betónica-bastarda é uma planta de uso medicinal que foi muito colhida no passado, o que aliada à sua preferência por carvalhais, a torna atualmente rara em Portugal. No pinhal situado entre a estrada e o lameiro podem-se observar mais duas espécies raras em Portugal, designadamente *Lepidophorum repandum* e *Laserpitium prutenicum*.

Betónica-bastarda
(*Melittis melissophyllum*)
(página seguinte)

Selo-de-salomão
(*Polygonatum odoratum*)
(em baixo)



Ponto 4

Pinhais com *Scorzonera humilis* e *Succisa pinnatifida*

Nos pinhais sobre xistos perto de Orbacém é possível observar *Scorzonera humilis* e *Succisa pinnatifida*, duas espécies raras em Portugal.



Succisa pinnatifida
(em cima)

Scorzonera humilis
(à direita)



Ponto 5

Louriçal com azevinhos

Na zona de Amonde existe um louriçal que constitui um habitat de conservação prioritária 5230 – Matagais arborescentes de *Laurus nobilis*, subtipo 1 – louriçais. Nestes louriçais podem-se observar azevinhos (*Ilex aquifolium*), o que é relativamente invulgar. O azevinho é uma espécie protegida e tal como o loureiro é uma laurifólia, mas adaptou-se a climas mais frios, enquanto o loureiro a climas mais quentes.

Loureiro e azevinho





Cascatas do Pincho
(em cima)

Campainhas-amarelas
(*Narcissus bulbocodium*)
visíveis no final do inverno
e início da primavera



Ranunculus bupleuroides



Saxifraga lespimigena

Ponto 6

Cascatas do Pincho com uma grande variedade de espécies RELAPE.

Nos taludes e paredes rochosas junto às cascatas pode-se observar o endemismo *Saxifraga lespimigena*, e numa zona húmida um pouco mais acima *Linkagrostis juressi*, *Pinguicula lusitanica*, campainhas-amarelas (*Narcissus bulbocodium*), estando presentes em afloramentos rochosos nas imediações *Succisa pinnatifida* e *Ranunculus bupleuroides*. Estas duas últimas espécies são quase endemismos portugueses, pois ocorrem maioritariamente por Portugal com pequenas

populações em Espanha. A gramínea *Linkagrostis juressi*, cujo nome é uma homenagem Heinrich Friedrich Link, que descobriu uma planta nova para a ciência no final do século XVIII, na Serra do Gerês, a que chamou de *Agrostis juressi*. Depois da sua descrição, só muito recentemente foi encontrada novamente no Gerês, apesar da maior população portuguesa estar situada na Serra do Formigoso, perto de Ponte de Lima.



Turfeira (em cima)

Orvalhinha (*Drosera rotundifolia*) com insetos (página anterior)

Ponto 8

Turfeira com *Carex durieui* e duas espécies de orvalhinhas

Outrora as turfeiras poderão ter sido comuns, mas atualmente esta é a única conhecida na Serra d'Arga. As turfeiras desenvolvem-se devido ao crescimento do esfagno (*Sphagnum* sp pl.). Este musgo é chamado de "engenheiro de ecossistemas", porque altera as condições do ambiente em redor. Na realidade, sem a presença de esfagno, não haveria acidificação do substrato e consequentemente não existiriam turfeiras. Esta turfeira é composta por mouchões de esfagno sobre os quais crescem pequenos arbustos de *Erica tetralix* e zonas mais abertas, onde se desenvolve um tapete de esfagno, com centenas de orvalhinhas (*Drosera rotundifolia* e *Drosera intermedia*) e *Carex durieui*.



Matos higrófilos dominados pela arranha-lobos (*Genista berberidea*)

Ponto 9

Chã com matos higrófilos, *Carex durieui* e *Arnica montana*

As zonas planas presentes no alto da Serra d'Arga têm uma designação toponímica muito interessante, sendo chamadas de chãs pelos habitantes locais. Provavelmente consistiriam em antigas turfeiras que foram drenadas para dar lugar a zonas de pastoreio para o gado. Neste local podem ser encontrados os melhores exemplos de diversos tipos de habitat, desde os cursos de água pobres em nutrientes com vegetação anfíbia, os matos higrófilos com arranha-lobos (*Genista berberidea*) e os prados de montanha denominados cervunais. Neste último habitat é possível ver em floração a

arnica (*Arnica montana* subsp. *atlantica*), uma bela planta de flor amarela, muito usada em termos medicinais no tratamento de nódoas negras. Outra planta aqui presente é a endémica *Carex durieui*, uma planta muito ameaçada pelo desaparecimento do seu habitat.



Arnica (*Arnica montana* subsp. *atlantica*)



Ponto 10

Chupadeira-do-Minho (*Scrophularia bourgaeana*) junto a um carvalhal

Em Arga de Cima pode-se observar a chupadeira-do-Minho (*Scrophularia bourgaeana*), um dos endemismos ibéricos mais raros em Portugal. Além desta localização apenas foi observada uma única vez no vale do Ramiscal, na Serra do Soajo, em 1978. Neste local foram detectados dois exemplares nas fissuras de um muro da aldeia e cerca de mais de uma dúzia de exemplares nas margens pedregosas da ribeira que atravessa a aldeia referida. Entre os dois núcleos desta espécie, o muro da aldeia e as margens da ribeira, existe um frondoso carvalhal de encosta dominado por carvalho-alvarinho (*Quercus robur*).



Ponto 11

Sobreiros centenários

Junto ao Mosteiro de São João d'Arga existem cinco sobreiros centenários, dos quais se destaca um muito grande com 1,35 metros de DAP que podia ser considerada uma árvore monumental. Este sobreiro tem duas espécies de fetos a crescer no seus ramos, designadamente *Polypodium interjectum* e *Davallia canariensis*. É raro crescerem duas espécies diferentes na mesma árvore, principalmente o feto-dos-carvalhos (*Davallia canariensis*) que é uma espécie pouco comum.



Ameaças

A Serra d'Arga apresenta uma grande biodiversidade mas os incêndios frequentes e as espécies exóticas invasoras são duas importantes ameaças. Os incêndios frequentes levam a que a parte alta da Serra d'Arga não tenha praticamente vegetação arbórea, existindo apenas alguns pequenos pinhais e vidoais plantados pelos serviços florestais, tornando a vegetação mais uniforme e pobre. Além disso, os incêndios nas zonas baixas e intermédias ajudam a propagar algumas das espécies exóticas invasoras como as acácias (*Acacia* sp. pl.) e a háquea-picante (*Hakea decurrens* subsp. *physocarpa*). Esta última espécie ocupa importantes áreas nos xistos da Serra d'Arga, sendo uma pirófito, ou seja, tem uma ecologia ligada aos incêndios. Os frutos são muito duros e resistem aos fogos, libertando a semente logo de seguida, quando já não existe competição, devido à queima da vegetação.

Háquea-picante (*Hakea decurrens* subsp. *physocarpa*)

Créditos fotográficos:

Duarte Silva e Paulo Alves, exceto:

João Almeida: fotografia dos sobreiros centenários
(págs. 44 e 45)

© Todos os direitos reservados.

A reprodução total ou parcial, sob qualquer forma, do conteúdo desta publicação carece de aprovação prévia e expressa dos respetivos autores e dos municípios de Caminha, Viana do Castelo e Ponte de Lima.

PROJETO INTERMUNICIPAL



FINANCIADO POR

